

Recebido em mar. 2010
Aprovado em mai. 2010

**O TOTALITARISMO E SEUS RECURSOS SOB A PERSPECTIVA DE
HANNAH ARENDT**

RICARDO GEORGE DE ARAÚJO SILVA *
NAPIÊ GALVÊ **

RESUMO

Ao trabalharmos o totalitarismo, temos como objetivo a análise desse regime a partir de seus recursos, como: propaganda, violência e terror de modo a demonstrar que sua prática não pode se enquadrar no conceito de regime político. Tomamos como base conceitual a obra de Hannah Arendt.

PALAVRAS-CHAVE

Totalitarismo. Violência. Política. Liberdade. Poder.

ABSTRACT

By working totalitarianism, we aim to review the scheme from its resources, such as propaganda, violence and terror in order to demonstrate that their practice can not fit the concept of political regime. We based the conceptual work fo Hannah Arendt.

KEYWORDS

Totalitarianism. Violence. Politics. Freedom. Power.

* Professor Assistente da UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFRPE-Caraúbas. Pesquisador do LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO TRABALHO - Labor - da UFC e do grupo de FILOSOFIA POLÍTICA – UFC. Atualmente coordena uma pesquisa na área de filosofia política na UFRPE, intitulada: “A NATUREZA DA POLÍTICA E A QUESTÃO DISCIPLINAR: PARA COMPREENSÃO DO BINÔMIO PODER E VIOLÊNCIA”.

** Professor Assistente da UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFRPE-Caraúbas. Colaborador na pesquisa sobre: “A NATUREZA DA POLÍTICA E A QUESTÃO DISCIPLINAR: PARA COMPREENSÃO DO BINÔMIO PODER E VIOLÊNCIA”.

1. A PROPAGANDA: RECURSO DO TOTALITARISMO

O século XX ficou marcado como sendo o século da informação; o cinema, o rádio, a televisão, a Internet, tudo isso despontou no século XX e foi utilizado para os mais diversos fins, desde a divulgação de um produto, passando pelo entretenimento, até a construção de imagens, tipos e conceitos, embora, muitas vezes, o que a imagem propagava não correspondesse aos fatos, ou pior, encobrisse o que estava por vir. Nessa perspectiva, a propaganda foi um recurso fundamental dos movimentos totalitários, principalmente se levarmos em conta o caráter profético¹ da propaganda totalitária, pois a mesma, sem usar da possibilidade de verificação, prediz algo no intuito de ganhar a adesão das massas. Entretanto, uma vez que esse apoio esteja garantido e uma vez que a oposição tenha sido liquidada, a propaganda assume o seu verdadeiro potencial ideológico e passa a conformar a realidade às suas próprias premissas. A propaganda totalitária distingue-se da mera demagogia política na medida em que não se satisfaz com a disseminação da mentira, mas, paradoxalmente, transforma a mentira em verdade (DUARTE: 2000, p. 54). Tal transformação objetiva o convencimento e a credulidade das massas, pois é necessário para o movimento totalitário que suas mentiras sejam digeridas como verdade uma vez que as

¹ O caráter profético da propaganda totalitária se mostra a partir do anúncio de uma pretensa “verdade” assumida pelas massas. Os mecanismos de terror e violência logo atuam para tornar real aquilo que foi predito, como forma de demonstrar a realização da profecia, e apresentam como única justificativa a idéia de que “aconteceria de qualquer forma”.

mesmas irão constituir o nexo aglutinador do movimento totalitário. É sabido que os grandes líderes da história se fizeram seguir pelas esperanças que anunciavam e por verdades que satisfaziam seus seguidores. Os líderes totalitários, não tendo verdades, propagam mentiras com o tom de verdade e encontram terreno fértil na sociedade de massas, desenraizada e isolada, que passa a assumir qualquer ideologia como sua. Não se identifica, pois, no artifício totalitário da propaganda, nenhuma preocupação ética com a seriedade dos fatos propagados. Ao contrário, divulgam-se ideologias do tipo “toda a história é a história da luta de classes, que o proletariado está ligado a leis eternas para vencer essa luta, que uma sociedade sem classe virá e que o estado, finalmente, desaparecerá”, de modo que Arendt conclui:

As ideologias sempre se orientam na direção da história, mesmo quando, como no caso do racismo, parecem partir da premissa da natureza; nesse caso, a natureza serve apenas para explicar as questões históricas e reduzi-las a elementos da natureza. A pretensão de explicação total do passado, o conhecimento total do presente e a previsão segura do futuro (ARENDR: 1998 p. 523).

O meio mais eficaz que o totalitarismo encontrou para fazer valer sua “verdade” foi o terror. Esse passou a ser o principal argumento, isto é, foi utilizado um monólogo para legitimar as ideologias totalitárias, já que os métodos do terror não permitem um contraponto. O terror foi, assim, o maior aliado da propaganda totalitária, legitimando a mesma e dando a ela condições de se perpetuar no tempo, sem a possibilidade de uma

verificação mais séria a tal ponto se confundem que, nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda (ARENDR: 1998 p. 390).

O fato de o movimento totalitário não se encontrar em um mundo totalitário levou o movimento a usar da propaganda como recurso para introduzir suas ideologias e mentiras, como esperanças e verdades últimas a ser seguidas e defendidas. Quando chega ao poder não abandona tal estratégia, mas a mantém nem que seja para atingir a quem ainda não foi suficientemente doutrinado. Nesse ponto, os discursos de Hitler aos seus generais, durante a guerra, são verdadeiros modelos de propaganda, caracterizados principalmente pelas monstruosas mentiras com as quais o *Führer* entretinha seus convidados na tentativa de conquistá-los (ARENDR: 1998 p. 392).

Hannah Arendt chama a atenção para a peculiaridade da propaganda totalitária, que encontra motivação na pressão externa, pois os movimentos por si mesmos, em vez de se propagarem, doutrina (ARENDR: 1998 p. 393). Isso nos leva a constatar o papel da propaganda totalitária como construtora de imagens e de um ideal a ser seguido, tanto quanto de modeladora de posturas. Esse último papel realizado pelo terror que, como parte integrante da “guerra psicológica”, consegue ser mais eficaz que a propaganda. Tanto é que, mesmo depois de alcançados os objetivos, o terror continua a ser aplicado pelos regimes totalitários. Assim nos diz Arendt:

Onde o reino do terror atinge a perfeição, como nos campos de concentração, a propaganda desaparece inteiramente; na Alemanha nazista, chegou a ser expressamente proibida. Em outras palavras, a

propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não totalitário. O terror, ao contrário, é a própria essência de sua forma de governo (ARENDR: 1998 p. 393).

A partir desse relato fica mais clara a distinção entre o papel da propaganda e o papel do terror. A propaganda aparece como instrumento importante, central, mais um instrumento, o que significa que pode ser deixado de lado quando não mais necessário. O terror, por sua vez, assume o caráter essencialista, apresenta-se como marca indelével da ação totalitária, onde não importa o estágio em que se encontre o totalitarismo: se em seu início ou se já solidificado, o terror continuará presente.

A propaganda, como importante recurso do movimento totalitário, traça estratégias que ganham conotação de publicidade, na medida em que tenta despertar, no público-alvo, sentimentos de crença, ansiedade e medo usando expressões de ameaça: se não “comprarem” tal idéia. Agem assim, como quem incute verdades no processo de doutrinação. O dito, o anunciado, apresenta-se como uma necessidade e ganha contornos “científicos” de modo que é difícil ao grande público separar o que é real e o que é exagero. No caso das massas, o mais cômodo é optar pela aceitação do que é propagado. Nesse sentido, o cientificismo aí utilizado aparece como substituto do poder, sendo abandonado logo que o totalitarismo assuma o poder. Tudo isso com insinuações do tipo: “vocês irão perder o trem da história e irão se atrasar irremediavelmente em relação ao tempo,

ao esbanjarem sua vida inutilmente” – tal como fazia a propaganda comunista –, ou ainda, no modelo nazista, que com um simples lema – “de outra forma pereceremos” – tais discursos, são capazes de levar um povo à guerra (ARENDR: 1998 p. 397). Dessa maneira, o uso da propaganda pelo totalitarismo é essencialmente uma estratégia-chave para o êxito de seus objetivos. É óbvio que ela não é suficiente para alcançar o domínio total e que, assim, o totalitarismo usa outro recurso, a violência.

2. A VIOLÊNCIA TOTALITÁRIA – O BRAÇO DO TERROR

A descrição abaixo mostra todo o horror vivido pelos judeus nos campos de concentração os quais trouxeram à tona toda a capacidade de destruição sistemática do regime totalitário, tanto quanto o mesmo apresentou seu principal método de atuação, a violência:

Nas fábricas da morte [...]. Todos eles morreram juntos, os jovens e velhos, os fracos e fortes, os doentes e os saudáveis; não como povo, não como homens e mulheres, crianças e adultos, meninos e meninas, não como bons e maus, belos e feios, mas reduzidos ao denominador comum do mais baixo nível da vida orgânica em si mesma, mergulhados no abismo mais escuro e profundo da igualdade primitiva, como gado, como matéria, como coisa sem corpo nem alma, sem nem mesmo uma fisionomia sobre a qual a morte pudesse imprimir seu selo. É nessa igualdade monstruosa, sem fraternidade ou humanidade [...], que nós vemos, como que refletida, a imagem do inferno. A maldade grotesca daqueles que estabelecem tal igualdade está para além da capacidade de compreensão humana. Mas igualmente grotesca

e para além do alcance da justiça humana está a inocência daqueles que morreram nesta ingenuidade. A câmara de gás foi mais do que qualquer um poderia ter merecido, e, frente a ela, o pior criminoso era tão inocente quanto um recém-nascido (Apud, DUARTE: 2000 p. 198).

O extermínio silencioso produzido pelas fábricas da morte reduz o significado da existência humana a um nada, em que ser ou não ser² não tem significado. Para a crueldade nazista, a descartabilidade do outro era algo certo e necessário de tal forma que o extermínio em massa não reflete sobre o significado da existência do outro e, atropelando todos os princípios, cria uma fábrica de cadáveres, para pôr em frente seu objetivo de domínio total, este que é concebido como meta fundamental, tão fundamental que a vida humana passa a ser secundária em nome do objetivo a ser alcançado. Nessa perspectiva, a violência totalitária atua resguardada pelo Estado, ou seja, o Estado aparece aí como fachada, que possibilita ao monstro³ liberar seus tentáculos. Usando sua política secreta e agindo sob suas próprias insígnia e vontade, “este [o líder] decide sobre quais categorias sociais incidirão os conceitos de *inimigo objetivo* ou de *sociedade indesejável*,

² Aqui chamamos a atenção para o fato da dignidade humana, isto é, para o indivíduo que se coloca no mundo como gente que é capaz de transformação. Contudo, essa violência produzida nos campos de concentração impede esse homem de ser e o anulam de forma covarde e brutal, reduzindo-o a um nada.

³ É preciso ter claro o papel central do partido que aqui é central, na medida em que é nele que se encontra todo o processo de doutrinação e enquadramento do idealismo absurdo, acalentado pela ideologia do terror.

tipologias que designam aqueles cuja existência implica discordância para com a ideologia totalitária, merecendo ser exterminados independentemente do que pensem” (DUARTE: 2000 p. 65). Esse proceder nos leva à compreensão de como o sistema totalitário é capaz de destruir o “humano construído nos indivíduos”⁴, a tal ponto de vítima e carrasco serem atingidos, pois, na medida em que o campo de concentração anula a liberdade de alguns e produz uma matança sistemática de outros, não apenas as vítimas são desumanizadas, mas executores perdem também o sentido da dignidade humana, fato esse que nos revela a forte característica de novidade do totalitarismo, tanto quanto nos esclarece o seu poder de destruição. Nesse sentido, os campos de concentração se apresentam como o principal veículo dos regimes totalitários, não apenas porque eles condensam e potencializam todos os absurdos implementados na textura do social, por essa forma de dominação sem precedentes, mas, também, porque justamente aí se manifesta o objetivo crucial do totalitarismo: a destruição da infinita pluralidade e diferenciação dos seres humanos.

A violência produzida nos campos de concentração ganhou dimensões inimagináveis. É

⁴ Quando falo de humano construído nos indivíduos, refiro-me à compreensão de Hannah Arendt acerca da natureza mutável, onde o que temos de humano não é algo inerente e eterno, mas uma construção de artifícios, produzidos pela liberdade, pelo discurso e pela ação, de tal modo que a experiência dos campos de concentração aniquila esses artifícios. Sendo assim, a legalidade, o respeito à pluralidade e à cidadania deixam de imprimir sentido à dignidade humana de modo que o homem se reduz a um ser natural desumanizado.

possível afirmar que até os mais competentes roteiristas de filmes de guerra ou literatos do gênero não tenham, até então, colocado em suas obras tamanho requinte de crueldade e horror como fez o totalitarismo nos campos de concentração e nas câmaras de gás. Essa violência manifesta, sobretudo um novo desafio para a compreensão da política, na medida em que as categorias da modernidade se mostram inadequadas ou insuficientes para dar conta de tamanha ruptura que se apresenta na história da humanidade. O terror entra no cenário político para fincar marcas indelévels na história dos homens, mas, sobretudo, para provocar um desafio de compreensão, respostas e ressignificação do agir humano, ainda que essa não fosse sua intenção, mas veio à tona em vista de tamanha violência aplicada.

A violência totalitária é apolítica na medida em que não permite ao outro o direito de manifestar-se. Até as antigas tiranias eram capazes de se encantar com o discurso contrário as suas práticas⁵ e até aderir a posições daqueles que em algum momento se apresentaram como inimigo político. No totalitarismo, tal fato é inviável já que o outro não tem direito a compor

⁵ Basta lembrarmos-nos do despotismo esclarecido, segundo o qual tiranos foram capazes de abolir torturas e julgamentos sumários, por terem ouvido o outro. Nesse sentido, percebemos a novidade totalitária que entende o outro como algo a ser descartado, caso não comungue de seus ideais. O totalitarismo aparece para a história da humanidade como um regime negador do discurso e da ação, categorias centrais para a colocação do outro no espaço público. A cada prisão, expurgo ou assassinato, o regime totalitário traz à tona o princípio da descartabilidade que torna a produção sistemática de cadáveres uma prática constante.

o tecido social, sendo enviado a confinamentos que destroem sua humanidade ou são diretamente exterminados em câmaras de gás ou com outros recursos, contanto que sejam silenciados. O lugar que ocupa o silêncio no modo de agir do totalitarismo tem significado ímpar, tendo em vista que a capacidade do discurso é sempre uma ameaça. O silêncio ganha importância, o mesmo só deve ser quebrado para exaltar os objetivos do movimento totalitário, o líder e seus símbolos. Portanto, o discurso no totalitarismo tanto é mudo, na medida em que é controlado e direcionado, quanto carente de significado e de poder de denúncia. O único discurso que sobrevive é o do regime totalitário. Fora esse todos os outros ou se enquadram ou experimentam um último diálogo nos campos de concentração ou câmaras de gás.

Os campos de concentração trouxeram como novidade uma total falta de finalidade, isto é, apresentavam um caráter despropositado em seu agir, “tinham que se financiarem e eram praticamente destituídos de qualquer produtividade econômica ou de qualquer finalidade política clara e imediata. Por certo, criminosos e opositores ao regime também foram neles encarcerados, mas a verdadeira natureza dos campos não pode ser compreendida recorrendo-se a esse fato, já que eles só se tornaram abundantes tanto na Alemanha quanto na União Soviética uma vez sufocada toda oposição. Do mesmo modo, os seus internos, em ambos os países, foram várias vezes obrigados a cumprir trabalhos forçados em regime de escravidão, o que ainda poderia ser humanamente compreensível, pois apresentava precedente histórico. Entretanto, a própria falta de planejamento e de organização dessas tarefas